

# Titulo: Narratividade de Jörn Rüsen<sup>1</sup> na Teoria da História

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de História

Autor: Henrique Martins da Silva

E-mail: [henriquemartins.silva@yahoo.com.br](mailto:henriquemartins.silva@yahoo.com.br)

Autor: Luis Sérgio Duarte da Silva

E-mail: [sergio.duarte.ufg@gmail.com](mailto:sergio.duarte.ufg@gmail.com)

## Resumo

Este artigo busca explorar a narratividade de Jörn Rüsen em suas especificidades. Uma discussão teórica e metodológica acerca do paradigma narrativista, tendo como foco a narrativa histórica na construção do conhecimento histórico. Logicamente houve um debate sobre o caráter científico da história, juntamente com os seus fundamentos e uma conseqüente afirmação da objetividade da história. E deve ser mencionado que nesse percurso pela afirmação da Ciência da História, foi preciso conceituar estruturalmente a consciência histórica e entender a matriz disciplinar de Rüsen.

Palavras-chave: Narratividade, Jörn Rüsen, Objetividade, Ciência da História.

## Abstract

This article seeks to explore the narrative of Jörn Rüsen in their specificity. A discussion about the theoretical and methodological paradigm narrativist, focusing on the historical narrative in the construction of historical knowledge. Of course there was a debate about the scientific character of history, along with its grounds and a consequent affirmation of the objectivity of history. And it should be mentioned that this path by the assertion of the History of Science, was necessary to conceptualize structurally historical awareness and understanding of the disciplinary matrix Rüsen.

Keywords: Narrativity, Jörn Rüsen, Objectivity, Science of History.

Orientando: Henrique Martins da Silva

Orientador: Luis Sérgio Duarte da Silva

Revisado pelo orientador

---

<sup>1</sup> Jörn Rüsen é historiador e filósofo alemão, autor de várias obras em teoria da história.

### 1) Introdução:

A minha pesquisa foi estruturada e desenvolvida em torno de um dos maiores problemas que a ciência da história tem vivenciado, que é representado por todos os elementos e categoria que juntamente com a narrativa histórica propiciam a produção do conhecimento histórico. Isto é, fui além de uma simples conceituação de narratividade.

O objeto buscado e estudado corresponde à concepção de narrativa formulada por um dos maiores teóricos da história ainda vivo chamado Jörn Rüsen. O mesmo possui um pensamento narrativo de grande relevância para a teoria da história e para a História como um todo. Pois ele demonstra alguns mecanismos que estão interligados com a narrativa histórica e que estruturam a história como ciência. Uma vez que esses mecanismos são a representação do conteúdo empírico das histórias controlável pela experiência.

Devo suscitar que Rüsen indica três aspectos de suma importância que serão abordados profundamente mais adiante. São eles: A narrativa histórica como constituinte da consciência histórica; A narrativa servindo de orientação no tempo, o que se refere a perspectiva de futuro e por fim, a narrativa como fornecedora de continuidade para a história. Ou seja, são aspectos que ilustram a magnitude da narrativa histórica.

### 2) Objetivos:

A minha hipótese pensada para a realização deste projeto é a de que a narrativa histórica proposta por Rüsen, certamente é um mecanismo de determinação da objetividade da história. Isto é, a concepção narrativista de Rüsen, possui um caráter de afirmação da objetividade da história, o que demonstrarei a seguir.

### 3) Metodologia:

Por se tratar de uma pesquisa teórica, foram focadas características conceituais e estruturais do pensamento histórico narrativo. Uma metodologia baseada em uma observação, principalmente, da concepção de narrativa de Rüsen. É claro que houve uma estratégia baseada em um estudo comparativo de outras vertentes da história que tratam do problema narrativo em suas especificidades.

#### 4) Resultados:

Primeiramente busquei e encontrei o conceito de narrativa histórica e a sua função na perspectiva de Rüsen. Logo depois comecei a teorizar e historizar o debate narrativista no que tange a história enquanto ciência, além de comprovar a minha hipótese a respeito da afirmação da objetividade da história através da narratividade de Rüsen.

Começamos então, pela seguinte pergunta: O que é narrativa histórica e qual o seu papel para a história? Pois bem, segundo Rüsen a narrativa histórica é um instrumento intelectual que fundamenta todo pensamento histórico e todo conhecimento histórico científico. Com isso, a narrativa possui a sua função elementar que é constituir sentido sobre a experiência do tempo.

A partir disso, é necessário pensarmos na distinção entre narrativa ficcional e não ficcional. Tendo em vista que essa distinção é problemática, pois o “sentido” que é constituído sobre a experiência do tempo por meio da interpretação narrativa está além da diferenciação entre ficção e facticidade de acordo com Rüsen. A lembrança em relação à experiência do tempo representa um processo de adaptação e familiarização que constrói sentido no passado. E esse tipo de relação com a experiência é à base da distinção entre a narrativa histórica e a ficcional ou “literária”. A narrativa historiográfica é a mais segura para Rüsen, pelo fato da mesma possuir um controle metódico para com os eventos narrados. Verificamos isso no que segue:

O passado é, então, como uma floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreenderem, mediante o que dela ecoa, o que lhes é presente sob a forma de experiência do tempo (mais precisamente: o que mexe com eles) e poderem esperar e projetar um futuro com sentido (Rüsen, 2001, p.62).

É importante suscitar que a narrativa histórica constitui a identidade do homem. Pois tempo natural e humano <sup>2</sup> se articulam entre passado, presente e futuro implorando por uma unidade, que por sua vez, constitui a narrativa histórica que é responsável pela construção da identidade do homem. E esse processo ocorre mediante essa unidade temporal e pragmática

---

<sup>2</sup> Há uma oposição entre tempo natural e humano. O primeiro é a mudança involuntária, o limite é a morte. O segundo é a tentativa de eternização através da memória e da constituição da narrativa histórica.

da relação com a experiência e das representações de continuidade.

Outro resultado obtido, foi a verificação do caráter científico da história nos escritos de Rüsen. A pergunta seria: A História é uma Ciência? De acordo com Rüsen, sim! A história é fundamentalmente uma ciência. Mas para podermos pensarmos na ciência da história, temos que fazer uma breve reflexão sobre o que é a consciência histórica e como a mesma está interligada no processo de determinação do caráter científico da história.

Segundo Rüsen existem fundamentos da ciência da história na vida cotidiana concreta que constituem a história como ciência. E para se alcançar esses fundamentos, é necessário demonstrar que o conhecimento histórico, é um modo particular de um processo genérico e elementar do pensamento humano. Uma vez que nessa busca pelos fundamentos da ciência da história, obtemos a consciência histórica.

[...] todo pensamento histórico, em quaisquer de suas variantes – o que inclui a ciência da história -, é uma articulação da consciência histórica. A consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária (Rüsen, 2001, p.56).

A consciência histórica é uma forma da consciência humana que se relaciona com a vida humana prática, pois são as experiências e interpretações do tempo que constituem a mesma. Ela é um modo particular do pensamento humano e, no entanto, é o fundamento da ciência da história. Pois também é o modo pelo qual a relação entre experiência do tempo e intenção no tempo se realiza na vida humana. Rüsen afirma que:

A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conforme com a experiência do tempo. Estas são interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida (2001, p.59).

Haja vista que a operação mental, na qual, a consciência histórica se constitui pode ser percebida como constituinte de sentido da experiência do tempo. Todavia Rüsen tenciona a dizer que é necessário saber o que significa pensar historicamente, pois é o caminho para se conhecer historicamente de modo científico. Uma vez que pensar historicamente sugere certo pragmatismo que conduz a uma conexão íntima entre o pensamento e a vida. Sobre isso Rüsen afirma o seguinte:

O título “Pragmática” quer exprimir que as operações da consciência na vida corrente que se tenciona investigar e que se dão sempre que se pensa historicamente só são identificadas quando se analisa a vida cotidiana dos homens, no curso da qual tais operações se realizam. A peculiaridade dessas operações da consciência – poder-se-ia designá-las também como atos de fala – só se evidencia quando se reconhece qual sua “inserção na vida”: Por que ocorrem, que resultados alcançam na vida prática quotidiana dos que as realizam (2001, p.55).

Como forma de ilustrar melhor os fundamentos da ciência da história, temos que atentarmos para algumas considerações de Rüsen acerca da narrativa e as suas funções. Primeiramente, a narrativa histórica, como constituinte da consciência histórica, a medida, em que recorre a lembranças para interpretar as experiências do tempo. Isto é, a lembrança representa para a constituição da consciência histórica, a relação principal com a experiência do tempo. Rüsen indica que:

Não há outra forma de pensar a consciência histórica, pois é ela o local em que o passado é levado a falar – e o passado só vem a falar quando é questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação da vida prática atual diante de suas virulentas experiências no tempo (2001, p.63).

Temos também a narrativa servindo de orientação no tempo, o que se refere à perspectiva de futuro na fundamentação do conhecimento histórico. Pois Rüsen determina o seguinte:

As mudanças no presente, experimentadas como carentes de interpretações, são de imediato interpretadas em articulação com os processos temporais rememorados do passado; a narrativa histórica torna presente o passado, de forma que o presente aparece como sua continuação no futuro. Com isso a expectativa do futuro vincula-se diretamente a experiência do passado: a narrativa histórica rememora o passado sempre com respeito à experiência do tempo presente e, por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas de futuro que se formulam a partir das intenções e das diretrizes do agir humano. Essa íntima interdependência de passado, presente e futuro é concebida como uma representação da continuidade e serve à orientação da vida humana prática atual (2001, p.64).

Existe um elo da ligação do passado com o futuro, pelo presente, que é construído pela narrativa histórica com as representações de continuidade que englobam as três dimensões

temporais e as resumem na unidade do processo temporal. E por fim a narrativa como fornecedora de continuidade para a história. Pois os homens tem de interpretar as mudanças temporais em que estão inseridos, como forma de continuarem seguros de si e de não terem o receio de perder-se nelas, ao se adentrarem nelas pelo agir, na busca pela sobrevivência. Com isso, Rüsen demonstra que:

A resistência dos homens à perda de si e seu esforço de auto-afirmação constituem-se como identidade mediante representações de continuidade, com as quais relacionam as experiências do tempo com as intenções no tempo: a medida da plausibilidade e da consistência dessa relação, ou seja, o critério de sentido para a constituição de representações abrangentes da continuidade é a permanência de si mesmos na evolução do tempo. A narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana (2001, p.66).

Contudo, a história enquanto ciência busca um determinado objetivo de validade da narrativa histórica, que é a verdade de cada história narrada. Existem critérios de verdade do pensamento histórico que sugerem pretensões de validade. As histórias, sempre falam de sua própria verdade, quando levantadas dúvidas sobre sua credibilidade.

As histórias fundamentam sua pretensão de validade de três formas diferentes: a primeira expõe que os acontecimentos narrados ocorreram do modo narrado, isto é, as histórias indicam suas fontes, mencionam testemunhas e avalistas, o narrador divulga sua própria condição de testemunha ocular. Já a segunda forma, expõe que os acontecimentos narrados possuem significado para a vida prática de seus destinatários. Surgem então, a pertinência normativa, pois as histórias são normativamente pertinentes quando os eventos por elas narrados estão seguros por normas vigentes.

E a terceira forma é a de que as histórias fundamentam sua pretensão de validade ao mediar à facticidade e o significado do que narram dentro da unidade de uma narrativa com sentido em si. Com isso, temos o princípio de uma história, ou seja, uma determinação orientadora de sentido que constitui-se ao mesmo tempo como instância decisiva para a verdade de uma história. Rüsen afirma que:

Os três critérios de verdade estão, por conseguinte, em relação de mediação, na qual o critério da pertinência narrativa se situa num plano superior aos dois outros. E nele que culmina a pretensão de validade que as histórias têm ao dirigir-se àqueles que querem servir-se delas para orientar-se no tempo

(2001, p.93).

Rüsen retrata também o que ele chama de científica, que seria a constituição metódica da ciência da história. Uma vez que a história como ciência é um meio de garantir a validade que às histórias, em geral, pretendem possuir. Pois a fundamentação das histórias narradas é feita por meio de especificidades científicas que garantem uma validade metódica. Rüsen tenciona a dizer que:

“Ciência” é entendida, aqui no sentido mais amplo do termo, como à suma das operações intelectuais reguladas metodicamente, mediante as quais se pode obter conhecimento com pretensões seguras de validade. O pensamento histórico-científico distingue-se das demais formas do pensamento histórico não pelo fato de que pode pretender a verdade, mas pelo modo como reivindica a verdade, ou seja, por sua regulação metódica (2001, p.97).

Ou seja, ciência é método. Tendo em vista que o pensamento histórico é considerado científico, quando ele procede metodicamente à medida que as fundamentações de suas pretensões de validade se tornam integrantes da própria história. O pensamento histórico é científico quando submetido à regra de tornar o conteúdo empírico das histórias controlável, ampliável e garantível pela experiência do tempo. Conclui-se, portanto, que todos esses elementos citados fundamentam a história como ciência.

Agora argumentarei em torno de minha hipótese que determina que a narratividade de Rüsen possui um caráter de afirmação da objetividade da história. E essa hipótese que se tornou uma afirmativa é encontrada nas interpretações acerca de um artigo escrito por Rüsen, intitulado: “Narratividade e Objetividade nas Ciências Históricas”.

Rüsen indica que objetividade é uma relação da representação histórica com experiência do passado. Ele transcende todo um grau de complexidade da cognição histórica e determina duas formas de significação para o termo objetividade. Em primeiro lugar, objetividade significa uma constituição do pensamento histórico para com a experiência do passado. Já em um segundo plano, objetividade significa uma parcela da própria subjetividade, isto é, a categoria intersubjetiva de uma interpretação histórica. Em outras palavras, a objetividade como intersubjetividade. Ou seja, há uma aproximação de um novo conceito de objetividade por meio da narratividade.

Ao realizar a perspectiva histórica na qual a evidência do passado é referida a problemas de orientação no presente, com tudo, a interpretação põe a subjetividade, como operação constitutiva da cognição na formação da narrativa. Ambas, porém, objetividade e subjetividade, são lados da mesma moeda (Rüsen, 1996, p.87).

Rüsen considera a objetividade como uma potencialidade racional da ciência da história. Objetividade significa que as histórias pretendem ter uma validade que propicia a aceitação do conhecimento histórico, pois com o mesmo pode ser testado, frequentemente, quanto a sua pretensão de veracidade. Ou seja, há uma ligação da narrativa histórica com a objetividade, pois a última age sobre o conhecimento histórico, que por sua vez, é construído, dentre outros elementos, pela narrativa. Por isso, a narratividade de Rüsen afirma a objetividade da história.

#### 5)Discussão:

Durante a pesquisa encontrei autores que se aproximam e que se afastam das idéias de Rüsen. Todavia meu foco se direcionou aos pensadores que tratam do problema narrativo, isto é, correntes distintas de pensamento que, porém, possuem elementos em comum. A formulação da narratividade de Rüsen foi influenciada por Arthur C. Danto, isto é, pelo pensamento narrativista do mesmo. Uma vez que a primeira defesa em favor de uma interpretação narrativa da história fora formulada no próprio quadro da filosofia analítica, que se encontra na obra de Danto, *Filosofia Analítica da História*.<sup>3</sup>

Percebemos, uma certa aproximação das idéias de Rüsen com as de Danto na obra: *Reconstrução do Passado*. Pois Rüsen estabelece um modelo de explicação narrativa que tenta aproximar tanto o modelo nomológico, quanto o intencional. Isto é, uma idéia reconstrutivista do passado que coloca a narrativa histórica não somente com a capacidade de interpretar a história, como também de explicá-la.

Com isso, Rüsen indica que a ciência da história procede mediante explicações narrativas e não somente narra as modificações temporais de uma sequência de situações, mas também explica. Todavia, de acordo com Danto, a filosofia da história é dividida entre substantiva e analítica. A diferença está na “teoria descritiva” e “teoria explicativa” a seguir:

---

<sup>3</sup> Arthur C. Danto, *Analytical Philosophy of History*, Cambridge University Press, 1965.

Uma teoria descritiva, nesse contexto, é algo que busca apresentar um padrão em meio aos eventos que trazem à tona todo o passado e projetar este padrão no futuro e, assim, fazer a reivindicação de que eventos no futuro irão tanto repetir quanto completar o padrão exibido em meio aos eventos no passado. Uma teoria explicativa é uma tentativa de julgar este padrão em termos causais. Eu estou insistindo em que uma teoria explicativa qualifica como uma filosofia de história apenas enquanto ela está conectada com uma teoria descritiva (Danto, 1985, p.2).

E a filosofia substantiva da história se divide entre descritiva e explicativa. Todavia é necessário distinguirmos que Danto está falando de filosofia da história e Rösen de história enquanto saber. Ou seja, Rösen está propondo questões teóricas e metodológicas baseadas em sua matriz disciplinar.

Outro autor de suma importância, no que tange à discussão narrativista, é Paul Ricoeur. Pois ele escreve em defesa da narrativa e afirma o seguinte:

O aparecimento de teses “narrativistas” no campo da discussão nasceu da conjunção de duas correntes de pensamento. De um lado, a crítica do modelo nomológico chegou a um esfacelamento da própria noção de explicação que abriu a brecha para uma abordagem oposta do problema. De outro lado, a narrativa tornou-se o objeto de uma reavaliação relacionada essencialmente às suas fontes de inteligibilidade (Ricoeur, 1994, p.175).

Ricoeur, diferentemente de Rösen, pensa se é possível a narrativa através de sua compreensão, adquirir valor de explicação. E ele busca um laço mais indireto entre explicação histórica e compreensão narrativa. Todavia ele diz que uma narrativa vai além de um simples relato dos acontecimentos, pois descrever e explicar não se diferenciam.

Segundo Ricoeur as filosofias substantivas da história cometem o vício de esvarecer no futuro frases narrativas que só podem ser escritas no passado. Uma vez que a idéia de totalidade da filosofia da história não se enquadra como a expressão do discurso narrativo apropriado ao passado. E a antecipação do futuro numa filosofia ou em uma teologia da esperança não é narrativa, ao contrário, a narração é reinterpretada a partir da esperança. Ricoeur afirma ainda que:

Não somente como o diz muito exatamente Danto, o discurso narrativo é intrinsecamente incompleto, posto que toda frase narrativa é sujeita a revisão por um historiador ulterior, mas tudo o que se diz de sensato sobre a história não é forçosamente de caráter narrativo (1994, p.207).

Como forma de problematizar as questões metódicas retratadas por Rüsen que contribuem para a fundamentação da ciência da história, busquei o conceito de método em Hans-Georg Gadamer, haja vista que ciência é método para Rüsen. Procurei estabelecer um paralelo entre os dois autores e notei que Gadamer discute a metodologia das ciências do espírito e da natureza na busca da verdade com base em princípios hermenêuticos.

Gadamer demonstra que o fenômeno da compreensão e do meio correto de se interpretar o que se entendeu não é somente um problema da doutrina dos métodos aplicados nas ciências do espírito. Entender e interpretar os textos não é somente um esforço da ciência, pois isso pertence ao todo da experiência do homem no mundo. Com isso, a hermenêutica não é um problema de método. Além disso, Gadamer afirma que:

[...] o que se denomina método na ciência moderna é algo único e o mesmo por toda parte e só especialmente nas ciências da natureza cunha-se como modelar. Não existe nenhum método específico para as ciências do espírito (1997, p.45).

Todavia Rüsen diz que o conceito de “método histórico” é equívoco, pois ele indica de um lado todas as regras de procedimento observadas pelo pensamento histórico, quando procede cientificamente. Mas, de outro lado refere-se estritamente a “pesquisa histórica” e engloba suas regras básicas. Por isso, ele defende uma unidade metodológica, prefere pensar em uma metodologia para a pesquisa histórica e não em “o método histórico”. Com isso indica o seguinte:

O critério da objetividade por consenso outorga à multiplicidade de procedimentos metódicos na pesquisa histórica seu caráter de racional, de constitutiva da ciência. Por outro lado, contudo, fornece um ponto de referência para construir a unidade “do” método histórico nessa multiplicidade e para evitar a consequência nefasta da anarquia metódica da pesquisa histórica. A história é constituída como ciência por meio do princípio metódico da metodização das referências normativas (Rüsen, 2007, p.107).

Pretendo agora discutir um pouco sobre Hayden White que é um autor que se afasta das idéias de Rüsen. Pois é importante estabelecer um debate que contenha idéias opostas como forma de problematizar e enriquecer as discussões teóricas e metodológicas. A base da diferença entre esses dois autores é que Rüsen está falando de ciência da história,

enquanto White de um discurso narrativo por meio de uma representação literária.

White concebe o trabalho histórico como uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. Ao contrário de Rüsen ele percebe as histórias como um agrupamento combinante de “dados” e de conceitos teóricos que “explicam” esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um aglomerado de conjuntos de eventos ocorridos no passado. E pensa diferente sobre a narrativa possuir um aspecto de explicação, pois isso é verificado no que segue:

Ao contrário de outros analistas da escrita histórica, não suponho que a subestrutura “meta-histórica” do trabalho histórico consista nos conceitos teóricos explicitamente utilizados pelo historiador para dar a suas narrativas o aspecto de uma “explicação”. Acredito que tais conceitos compreendem o nível manifesto do trabalho, visto que aparecem na “superfície” do texto e podem comumente ser identificados com relativa facilidade (White, 1992, p.12).

Por fim, tenho que falar um pouco das considerações de Arthur Assis sobre a teoria da história de Rüsen, mais especificamente da matriz disciplinar. Resumidamente e de acordo com Rüsen, o objeto de uma teoria da história é a matriz disciplinar da ciência da história. E essa matriz é formada pelas carências de orientação, pelas perspectivas orientadoras da experiência do passado, pelos procedimentos metódicos da pesquisa empírica, pelas formas de apresentação e pelas funções de orientação existencial.

De acordo com Assis, a matriz disciplinar de Rüsen busca englobar todos os elementos fundamentais existentes na produção de histórias pelos historiadores profissionais, representando uma alternativa conciliatória para os conflitos que, na década de 80, marcavam o debate em torno da história e do conhecimento histórico. Assis afirma sobre Rüsen que:

Sua estratégia ancora-se na investigação e na explicitação dos princípios formais que são comuns aos estudos históricos em todas as suas variantes. A rede formada por tais princípios foi denominada por Rüsen de “matriz disciplinar da ciência histórica”. Com sua matriz disciplinar, Rüsen propõe um conceito que pretende permitir a assimilação das diferenças existentes entre as correntes historiográficas contemporâneas e favorecer a percepção da identidade que lhes é comum (2010, p.11).

## 6) Conclusões/ Considerações finais:

Com base em um ano de pesquisa de muita dedicação e no que foi dito neste artigo, chego a conclusão de que a narratividade de Rüsen é extremamente complexa e importante para a teoria da história. Pois trata-se de pensar a ciência da história em suas especificidades e, de certa forma, essa narratividade contribui para a produção do conhecimento histórico. Espero que este trabalho contribua para novas reflexões à respeito de uma maior inclusão da história na vida prática quotidiana dos indivíduos. Ou melhor, espero que esta pesquisa seja equivalente às novas necessidades de orientação da práxis da vida atual.

## 7) Referências Bibliográficas:

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história, fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 194 p.

\_\_\_\_\_. História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007. 160 p.

\_\_\_\_\_. Reconstrução do passado: teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UnB, 2007. 187 p.

\_\_\_\_\_. Historiografia comparativa intercultural. In: A história escrita. p. 115-137.

\_\_\_\_\_. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p.07- 16. jul-dez. 2006.

\_\_\_\_\_. A história entre a modernidade e a pós-modernidade. História: Questões & Debates, Curitiba, v. 14, n. 26/7, p. 80-101, jan./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. Textos de História. v. 4, n. 1. p. 75-102. 1996.

ASSIS, Arthur. A teoria da história de Jörn Rüsen. Editora UFG. 2010.75p.

DANTO, Arthur. Narrativity and knowledge. New York. Columbia University Press. 1985.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3.ed. -. Petropolis: Vozes, 1999. 731 p.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Campinas: Papirus, 1994-. 3v.

RICOEUR, Paul. O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978. 419 p.

WHITE, Hayden V. Meta - história: a imaginação histórica do século XIX. 2 ed. -. São Paulo: EDUSP, 1995. 456 p. (Ponta;; v. v.4). Inclui bibliografia.

WHITE, Hayden V. The Content of the form: narrative discourse and historical representation. Baltimore: Johns Hopkins University Press, c1987.

WHITE, Hayden V. Tópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994. 310 p.